

FERRAMENTARIA



Oficina “Selva-quintal comum”

Francesco Careri*

Giorgio Talocci**

Maria Rocco***

A Parábola do São Cosme na Vila Paraíso

APREENSÃO URBANA

Apreensão (1): ansiedade ou medo que algo ruim ou desagradável aconteça.

Apreensão (2): entender, compreender.

Ao jogar nossos corpos no ambiente urbano de Salvador, o Laboratório Arti Civiche pretendia declinar o termo apreensão em seu duplo significado, combinando-os com a experiência do ambiente urbano através do corpo: apreensão urbana é então a sensação de perigo que nos faz entender o espaço com maior intensidade e rapidez de percepção.

* arquiteto, professor da DIPSU/Universidade de Roma III e coordenador do LAC.

** arquiteto, professor da Bartlett/University College London

*** arquiteta

tradução: Thais de Bhanthumchinda Portela

LAC – Laboratório Arti Civiche (Roma – Itália)

Coordenação: Francesco Careri

Coordenação da oficina:

Francesco Careri – arquiteto, professor DIPSU/Universidade de Roma III e membro-fundador LAC e Stalker/Observatório Nômade

Giorgio Talocci – arquiteto, professor Bartlett/University College London e membro-fundador LAC

Maria Rocco – arquiteta e membro-fundadora LAC

Acompanhante: Gabriel Schvarsberg – arquiteto e urbanista, mestre PPG Arquitetura e Urbanismo/ UFBA, e membro Laboratório Urbano

Gabriel Schvarsberg*
Janaína Bechler**

Fragmentos da Oficina LAC/Vila Paraíso

Nos dias atuais, a apreensão urbana traduz simplesmente em *medo*: espaços públicos não são mais lugares de encontro com o outro e sim, cada vez mais, um espaço do medo do outro - um diferente ou um estranho do qual precisamos nos defender e proteger.

A *nova mitologia* do medo urbano¹ e, consequentemente, da segurança urbana tem sido construída: o outro é algo que ameaça nosso modo de vida com sua presença, e do qual nós temos que nos defender. Tecnologias de controle, políticas e regulações sobre o uso dos espaços públicos se espalham, constrangendo o corpo e seus comportamentos num conjunto de regras que eventualmente limitam o direito do uso e transformam o espaço público para todo um espectro de cidadãos.

O Laboratório Arti Civiche quer criar uma renovada (contra-)mitologia do espaço público como um lugar do encontro e do mútuo aprendizado com o outro, começando exatamente pela apreensão do que o outro atualmente significa e buscando superar o medo que há contra ele – acreditando que o conhecimento de e a presença no espaço público produz um senso de pertencimento, de uma vigilância espontânea, de desejo de cuidado com o outro.

* arquiteto e urbanista, mestre PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA

** psicóloga, doutoranda PPG Psicologia Social e Institucional UFRGS

– Aqui Pedrinha cozinhou durante um dia inteiro, na cozinha muito bem montada na laje de sua casa. Ela precisou de uma grande panela e outras menores para auxiliarem o cozimento principal: fazer os refogados, fritar as carnes. Uma mesa serviu para aparar as tábuas de corte dos temperos: cebolas, alhos, tomates. O feijão descansava ao lado, em água desde a noite anterior. Somente mais tarde, depois da comilança, ela pode nos mostrar suas caturritas. As duas só dormem quando ela coloca um pano ao redor da gaiola: é para fazer um escurinho, dizia ela. Também cuida de um cachorro, adora os bichos. Dona Pedrinha teve medo quando chegou à Vila Paraíso. Foi no mesmo dia de um tiroteio, e sua filha dormiu por cima de suas netas para não correr o risco de acordar sem uma delas. Logo depois a vida mudou por lá e ela também mudou, não sai mais da vila Paraíso, mesmo que ofereçam um bom lugar “na cidade”, “lá em cima”.

Conheci as crianças no momento em que descíamos a rua principal. Estavam encostadas junto à parede de uma casa à beira da praça que ao mesmo tempo une e separa as duas vilas, São Cosme e Paraíso. Sua inércia foi quebrada por aquele grupo de estrangeiros que imediatamente os atraiu. Inicialmente alguns vieram pedir *money*, enquanto outros os repreendiam por isso. Depois, o interesse nas câmeras fotográficas. Começaram a fazer poses de *gangsta-rappers*, desafiadoras e confiantes, pedindo fotos. Segundos de seriedade, seguidos de risos e dedos pra ver o resultado da foto. Aqui a câmera foi o mote da interlocução. Muitas perguntas sobre a razão de nossa presença ali. Por que tantas câmeras e pra quê as fotos? Digo que é a vontade de registrar e depois compartilhar com outras pessoas que não estiveram lá.



QUEM PERDE TEMPO, GANHA ESPAÇO

A preparação da oficina começou através de uma *deriva*, uma das modalidades usuais de ação do LAC: o termo “*deriva*” (passeio, volta) carrega duplo significado do termo um andar desviado do que é hegemônico e a possibilidade de maior diversão na própria “*deriva*”: pode ser definida como uma forma de projeto aberto e indeterminado, que procura obter – e depois deixa seguir – uma ação espontânea para o território em que atravessa, ao invés de impor um projeto fixo e predeterminado sobre ele.

Nós derivamos por Salvador buscando por esse território, imaginando que este seria um espaço de sobra entre um conjunto de casas, um jardim onde poderia ser recriado o senso de espaço público e que esse pudesse mudar os dois significados da palavra apreensão junto com os habitantes do lugar.

Entretanto, durante a “*deriva*”, tropeçamos com um espaço bem maior e sua comunidade: o labirinto de ruas, os becos e as pessoas da Vila Paraíso e da Vila São Cosme, dois assentamentos informais localizados bem no meio do bairro Engenho Velho de Brotas. Nenhuma das pessoas que nos acompanhava sugerira que passássemos por ali, embora fosse evidente que este era o caminho mais rápido para descermos para uma rua que passava em um nível mais abaixo.

Assentamentos informais são geralmente associados à figura do labirinto, já que a complexidade e a contínua mutabilidade de seus espaços levam ao medo de atravessá-los. O medo é relativo à questões de segurança (o labirinto dificilmente pode ser controlado e enquadrado por paradigmas gerais de proteção nos espaços públicos) e isso ocorre geralmente pelo pouco conhecimento que muitas pessoas têm sobre esses espaços e pelas imagens de crime e violência usualmente associadas à estes espaços pela mídia.



O medo obviamente relaciona-se com vários fatores que produzem a fragmentação urbana e a segregação dos ambientes da cidade de acordo com as diferenças de classe, *status*, etnia, religião, política e orientações sexuais: o trabalho do Laboratório Arti Civiche na Vila Paraíso e na Vila São Cosme procurou desativar essas dinâmicas de segregação trabalhando com suas fronteiras visíveis e invisíveis, profanando-as por dentro.

Com este objetivo – de entender a dinâmica do território para ser capaz de questioná-lo a partir de dentro – havia a necessidade do “insistir”, para construir uma relação com a comunidade ali habitante e criar uma conexão com a realidade circundante. Este modo de ação pode ser resumido em um mote “quem perde tempo, ganha espaço”: na Vila Paraíso e na Vila São Cosme nós perdemos tempo, acreditando na necessidade de gastar muito tempo para ganhar o conhecimento do espaço e da comunidade que ali habita, antes de começar qualquer tipo de atuação.

A Oficina foi precedida pelo período preparatório no qual LAC visitou e explorou sistematicamente o espaço, conversando com os habitantes, tentando estimular uma participação coletiva na oficina e compartilhando uma imaginação sobre as possíveis ações que ali poderiam ser realizadas. A ideia de entregar



– Aqui Alice caiu. Escorregou na pequena rampa enlameada. Seus grandes olhos me olharam do chão: muita ginga para levantar—se como se não houvesse o buraco, como se não fosse um erro do seu passo, como se ela fosse sempre da terra.

A partir daí esses meninos colaram no grupo. Mais à frente, na fonte, uma menina me pergunta de novo: – por que vocês tiram tanta foto? O que me parecia tão natural, tornou—se algo incômodo diante

panfletos para mostrar a presença do nosso grupo e noticiar as atividades que aconteceriam durante a Oficina veio dos próprios habitantes e serviu como modo de novas interações com a comunidade e com os habitantes em volta, que ficou mais interessada.

Quando nós propusemos fazer algo coletivamente com a comunidade, a primeira sugestão deles foi fazer uma feijoada: o panfleto noticiava exatamente esse primeiro momento de convivência da interação que tomou uma forma, afinal, de trocas entre a cozinha brasileira e italiana.

“PROFANATION AS NEGLIGENCE”

“Sagradas ou religiosas eram as coisas que de algum modo pertenciam aos deuses. Como tais, elas eram subtraídas ao livre uso e ao comércio dos homens [...] E se consagrar (*sacrare*) era o termo

do questionamento daquelas crianças, espontâneas e disponíveis à interação. Estávamos lá para estar lá, ou para registrar que estivemos lá? Com essa inquietação, guardei a câmera e me incomodei com as outras, que permaneceram fotografando com algum tipo de urgência o território que acabávamos de adentrar.

– Aqui um homem se banhou. Trouxe o xampu, abriu a ducha e ensaboou—se. Ensaiei uma canção debaixo d’água enquanto, ao seu lado, um outro homem via o programa da hora na TV. Um bando de crianças passou correndo ao seu lado.

Fiquei mais próximo de Daniel que, em algum ponto do percurso, me arrastou até sua casa pra mostrar as medalhas de caratê. Foi na frente me guiando. Em um ponto da rua principal virou num beco que subia em forma de escadaria. A sua casa era a terceira à esquerda. Foi entrando, a porta estava aberta. Na pequena sala, com janela aberta para o beco mal iluminado, a irmã mais velha via TV, deitada no sofá. Daniel foi entrando num dos quartos, gritando lá de dentro que trouxe um amigo. Eu fico na sala esperando. Noutro quarto, o primo mais velho mexia no computador. Daniel chega de mão cheia e despeja as medalhas emboladas no sofá, ao lado da irmã. Vai desembolando e me explicando o contexto de cada uma. Ele resolve ficar por lá. Já ia sair o almoço e, pela tarde, escola.

Da conversa com o Sr. Altamirando escutei:

– Uma casa solarenga.

– Terminações, minações.
não tem nada de verdade no que eu falo

– Obrigação de estudante é mapear.

– Me sentia “areado” – sabe? o norte vira pra leste... areado é o norte virado.

– Lia almanaque, folhetim e rumanço, não tinha nada de “literatura de cordel”, era rumanço mesmo. “Literatura de cordel” é nome pra intelectual.

– Nome original da Vila Paraíso é Rocinha de São Cosme.





Numa curva do caminho, três deles me falaram que tinham uma banda de percussão: a banda “Moleque do Gueto”. Eles propuseram fazer uma apresentação para o grupo. Fizemos uma combinação para a feijoada, de procurá-los no fim da tarde, depois de alguns terem voltado da escola. Após os outros acontecimentos da tarde, desci em direção à praça que une e divide as vilas. Encontro os meninos em um canto, organizando os instrumentos: latas de tinta, baldes de cimento, chapas de metal, garrafas pet com tampinhas, ripas de madeira e varetas de aço enferrujado para baquetas. Me disseram que era tudo reciclável, e que a gente podia juntar um dinheiro pra ajudá-los a comprar instrumentos de verdade. Incentivei-os dizendo que achava os instrumentos deles mais criativos e que faziam um som bom (o som era mesmo bom).

—Aqui anoiteceu. Sob a laje, um homem sentou em uma cadeira de praia. Tinha nos braços um bebê sorridente. Uma menina, como contou a avó, que esticava a outra cadeira para sentar ao lado deles. Atrás e acima, o céu azul, amarelo, e quase preto. Ao lado, a porta aberta e a luz incandescente da casa: uma mulher cozinhava.

Baixou a noite, lá em cima a feijoada foi servida. Os moleques do gueto se apumaram. Lorena e Wellington, os líderes e puxadores, deram o ritmo e a banda então subiu a ladeira com a batucada. Os moradores saíram às portas e janelas para ver a molecada fazer barulho. Orgulhosos e ritmados, foram angariando agregados entusiasmados. Chegaram de surpresa lá em cima e deram seu show.

—Aqui vivem Cosme e Damião.

Do encontro de Dona Isabel com Dona Pedrinha, as anciãs de cada vila, na fonte:

—Lá tinha um Candomblé.

—Menina curou a epilepsia na fonte. Tiraram suas roupas rápido, queimou e atirou as cinzas na fonte. Nunca mais teve ataque.

que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restituí-las ao livre uso dos homens. [...] A *passage* do sagrado ao *profane* pode acontecer também por meio de um uso (ou melhor, de um reuso) totalmente incongruente do sagrado. Trata-se do jogo. Sabe-se que as esferas do sagrado e do jogo estão estreitamente vinculadas. A maioria dos jogos que conhecemos “deriva” de antigas cerimônias sacras, de rituais e de práticas divinatórias que outrora pertenciam à esfera religiosa em sentido amplo. [...] A potência do ato sagrado – escreve ele – reside na conjunção do mito que narra a história com o rito que a reproduz e a põe em cena. O jogo quebra essa unidade: como *ludus*, ou jogo de ação, faz desaparecer o mito e conserva o rito; como *jocus*, ou jogo de palavras, ele cancela o rito e deixa sobreviver o mito.”

O ato de profanar, de acordo com Agamben², é uma particular forma de negligência, alcançada exatamente através do “jogar”: O jogo torna-se a mais poderosa ferramenta tanto para decifrar a mitologia do medo como para mudar o modo como usualmente os espaços informais é percebido, o que permite o retorno do uso comum a esses espaços. A potência do ato do jogo acontece porque este não mina a sacralidade contida no objeto, desde que este jogo alterne ou uma ou as duas esferas do sagrado – tanto o mito como o rito. A criatividade do ato de jogo é exercida junto com a comunidade e traduz-se em uma operação dupla que, ao mesmo tempo, reconstrói o mito e o legitima através do rito.

Em um jogo de palavras coletivo (*iocus*) – através da coleção de histórias e contos dos moradores antigos, de trabalhos criativos com as crianças pequenas, no reconhecimento conjunto dos marcos e monumentos importantes nas duas vilas – a mitologia do lugar é resgatada do esquecimento, encontrada arqueologicamente, por





traços que testemunham a evolução da comunidade e do ambiente por ela criado.

Através dos moradores antigos nós descobrimos sobre os mitos e lendas do lugar, sobre as fontes de água natural e o pomar que ali havia antes da invasão, sobre o surgimento das duas Vilas inicialmente separadas por um muro e depois reunidas em uma única comunidade; também ouvimos sobre os gêmeos Cosme e Damião – os dois santos “médicos” na religião Católica e as crianças *Ibéje* no Candomblé – que deram o nome ao lugar e às legendárias forças da fonte de água, onde a escultura dos dois está plantada...

Esta fonte foi o primeiro monumento que encontramos e perguntamos sobre ele começando pelas duas moradoras mais antigas das duas comunidades: nosso primeiro rito (jogo físico, *ludus*), a iniciação nas Vilas São Cosme e Paraíso, se deu ali. E foi seguida por uma comunhão e duas procissões.

Iniciação: um banho coletivo na fonte da Vila São Cosme, construída como canal da fonte de água natural, aqui aconteceu a primeira imersão dos nossos corpos no espaço dos dois assentamentos, marcando nossa participação nos ritos diários de banho na fonte – provavelmente o mais importante espaço coletivo do assentamento, cenário de um momento chave na vida cotidiana da comunidade.

Comunhão: uma troca de cozinhas, com uma preparação coletiva da feijoada brasileira e do macarrão italiano, mas também um momento de encontro entre os participantes do workshop, das duas comunidades de Vila Paraíso e Vila São Cosme e alguns vizinhos. Comendo junto em um espaço público como a rua, facilitou-se a horizontalidade entre os participantes e a colaboração de toda a comunidade para a organização do espaço.

Procissão: dois momentos cruzando o espaço. Um movimento de dentro para fora, seguindo



– Fonte não seca nunca.


No outro dia me perguntaram se voltaríamos amanhã.

– Não, não voltaremos. Quais as minhas desculpas? – apenas uma oficina; seminário na Universidade; blá, blá, blá. Afeto se cria, é coisa muito séria. Com criança então...

– Mas depois vocês vão voltar aqui, né?

Não pude deixar promessas. Sei da possibilidade de isso não acontecer. O homem que diz dou, não dá. Porque quem dá mesmo, não diz. O homem que diz vou, não vai. Porque quando vai, vai quando quer. Penso com Vinicius: Se voltar, volto e pronto. Melhor ainda, de surpresa.

as crianças carregando uma linha vermelha para nos levar para fora do labirinto, traçando uma conexão ideal entre o assentamento e o centro da comunidade no topo do morro. E um movimento de volta, uma procissão em forma de um desfile de tambores liderada pelas próprias crianças, até a fonte onde tudo nasceu.

Esses rituais profanaram o senso de medo relativo ao espaço dos dois assentamentos e às bordas que esse próprio medo criou, liberando uma grande energia criativa e faíscas de desejo coletivo. Redecretando e reescrevendo seus “mitos” o espaço e sua importância foi ressignificado para nós, para os habitantes e para toda a cidade, colocando, apesar de ser em um curto período de tempo, a Vila Paraíso e a Vila São Cosme no centro de Salvador. 

Notas

¹ DE CAUTER, L. Geology of the New Fear. In: *The Capsular Civilization – On the City in the Age of Fear*. Rotterdam: NAI Publishers, 2004.

² AGAMBEN, G. Praise of Profanation. In: *Profanations*. New York: Zone Books. Edição brasileira utilizada na tradução. Profanações. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.